

## TRANCEPTOR: DE BAIRRO EM BAIRRO A GENTE DANÇA

BRUNO LEMOS BRITTO<sup>1</sup>;  
CATIA FERNANDES DE CARVALHO<sup>2</sup>;  
JOSIANE FRANKEN CORRÊA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – brunolb2009@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – catiadanca@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – josianefranken@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O texto busca compartilhar reflexões sobre a minha participação, enquanto bolsista de extensão, no Projeto *Dança no Bairro*, projeto unificado do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, que se propõe a criar ações de educação e socialização em dança em espaços não formais de ensino de diferentes bairros da cidade de Pelotas RS.

Atualmente o projeto está sendo desenvolvido em quatro núcleos de ação: Loteamento Dunas (CDD); Colégio Estadual Félix da Cunha- bairro Porto; Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Augusto de Assumpção, localizada no Balneário dos Prazeres e Arteria Espaço Arte, com sede no bairro centro. A equipe de colaboradores envolvida no trabalho com o *Dança no Bairro* busca auxiliar crianças e jovens no desenvolvimento de um sentido de pertencimento à comunidade em que vivem, constituindo-se como espaço que objetiva promover a legitimidade dos sujeitos participantes em relação à cultura do seu bairro.

O estudo que proponho aqui tem caráter inicial e tem como motivação a minha própria relação com tal projeto, uma vez que iniciei a minha experiência na Dança em um projeto social similar ao que acontece no *Dança no Bairro*, porém, na cidade de Rio Grande RS. Esse fato faz com que eu acione memórias pessoais que, de certo modo, justificam a minha busca por uma formação superior em Dança - Licenciatura, graduação que estou cursando na Universidade Federal de Pelotas. Para fomentar a reflexão, amparo-me no estudo de RECKZIEGEL e STIGGER (2005), que abordam temas como a dança de rua e o envolvimento dela com a sociedade, além de lançar um olhar para a minha própria história de vida.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa está sendo realizada concomitantemente ao desenvolvimento das minhas atividades no projeto *Dança no Bairro*. Minha principal função é acompanhar as ações que são desenvolvidas pelos diferentes colaboradores nos bairros já citados, ministrar aulas de dança nestes contextos de acordo com a demanda de cada local, elaborar e manter página do projeto em rede social e, discutir questões de pesquisa que emergem da minha relação com a realidade em que estou inserido.

Neste momento, o que mais chama a minha atenção é a similaridade entre o projeto *Dança no Bairro* e o projeto no qual iniciei as minhas atividades de dança, em 2010. Por isso, optei por refletir acerca

dessa aproximação de realidades e do meu desejo em contribuir na vida dos meus alunos, assim como professores já contribuíram com o meu desenvolvimento pessoal.

Desse modo, proponho-me a refletir sobre este aspecto a partir da narração da minha história de vida, o que vai ao encontro das pesquisas (auto)biográficas e do campo investigativo chamado Histórias de Vida e Formação (JOSSO, 2007), em diálogo com o estudo de RECKZIEGEL e STIGGER (2005), acerca da relação entre dança de rua (danças urbanas) e sociedade.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Meu interesse inicial para participar do projeto *Dança no Bairro* partiu de uma vontade pessoal em tentar retribuir o que fizeram por mim, atuando como professor de Dança em bairros periféricos da cidade de Pelotas RS.

O projeto social em que participei quando eu tinha treze anos de idade, no município de Rio Grande RS, se assemelha bastante ao trabalho que a professora e coreógrafa Catia Carvalho realiza, já há sete anos, no Loteamento Dunas.

Acredito que o projeto do qual fui aluno foi o principal responsável por hoje eu estar cursando Dança - Licenciatura. Sem nenhum contato direto com a dança e sem condições financeiras para frequentar uma academia ou escola de dança, seria quase impossível seguir este caminho sem a oportunidade de participar de tal projeto, e o auxílio do professor responsável, que se fez extremamente presente, mesmo em momentos fora do horário do projeto, motivando a minha continuidade no universo do ensino de dança.

O projeto o qual me refiro, acontecia no bairro Santa Rosa, na cidade de Rio Grande RS, no turno da tarde. Lá nós tínhamos contato diretamente com a cultura *hip hop*. Nos era oferecido aulas de música, *graffiti*, dança, *DJ* e basquete. Os professores mais envolvidos com as atividades eram os de dança e de *graffiti*, inclusive arcando com as nossas despesas para a participação de eventos.

Um dos eventos mais marcantes, foi o evento da CUFA (Central Única das Favelas) que aconteceu em Porto Alegre, em 2010. Nele, além de ver nosso professor de *graffiti* atuando e *graffitando* paredes, para alguns de nós era a primeira viagem para fora da cidade, e o primeiro contato com uma grande quantidade de pessoas que compartilhavam da mesma cultura que nós.

Logo após o término do projeto, em 2010, nosso professor de dança nos convidou para participar de outros projetos em que ele ministrava aulas, para que, segundo ele, não deixássemos enfraquecer o contato com a dança, levando em consideração que muitos de nós começamos a trabalhar desde bem jovens. Eu, por exemplo, comecei a trabalhar com 15 anos, e tinha que conciliar trabalho, estudo, aulas de capoeira e aulas do projeto, de todo modo, muitos jovens acabam por se afastar do universo da arte, em função de priorizar o sustento das suas famílias.

Este processo se repete em diversos lugares, como por exemplo, com o grupo *Restinga Crew*, de Porto Alegre RS. De acordo com RECKZIEGEL e STIGGER (2005), os participantes de tal grupo passaram e passam por situações parecidas, onde os que seguem com a dança e a

arte têm a necessidade de conciliar diversos compromissos cotidianos, e, no meio desse caminho, muitos deixam os estudos e/ou a dança. Então, a figura do professor nesses lugares acaba desempenhando um papel motivacional que vai além da hora de aula, extrapolando a relação meramente técnica do ensino de dança, para se fazer presente nos momentos em que os alunos necessitam de um suporte pessoal.

No meu primeiro contato com os alunos do loteamento Dunas, através do projeto unificado *Dança no Bairro*, aconteceu no primeiro semestre de 2019 e eu senti um estranhamento, pois tinha uma vontade de retribuir como professor o que fizeram por mim “de uma vez só” e, ao mesmo tempo, não sabia muito bem como agir e o que fazer, acredito que por perceber uma grande identificação com o contexto, vendo naqueles jovens, o jovem que fui quando comecei a dançar.

Além do estranhamento, fiquei também muito feliz, por ver aqueles alunos tão envolvidos com a dança, e reconhecer o importante trabalho que a coreógrafa Catia Carvalho lá realiza.

O projeto no loteamento Dunas já está bem desenvolvido, tendo turmas de níveis iniciante e avançado. Os alunos que estão há mais tempo, além de serem participativos, desempenham a função de monitores dos mais jovens ou dos que estão recém ingressando no projeto. Acredito que este é um fator que gera um convívio saudável entre as turmas e entre alunos mais novos e mais velhos, fazendo com que os mais experientes compartilhem a responsabilidade de ensinar e orientar os colegas menos experientes. Outra questão relacionada ao ensino de dança é que este pode se tornar, se assim os jovens optarem, um meio de fonte de renda, proporcionando com que eles passem da posição de aprendizes para instrutores ou até professores de dança neste ou em outros contextos sociais.

Nas primeiras aulas que ministrei como professor do projeto *Dança no Bairro* no núcleo do loteamento Dunas, levei para a turma de nível avançado, o meu conhecimento sobre a cultura *hip hop* e suas danças e, em troca, aprendi sobre os passinhos e a cultura do *funk*, que é o estilo de dança que eles mais praticam no bairro. Na tentativa de me aproximar deles, levei também algumas referências de *funk*, e acredito que esta troca foi bastante saudável, pois os estilos são bem próximos, tendo até alguns passos que são derivados de um estilo para o outro. Identifiquei-me muito com estes alunos, pois me eles lembram o período em que eu fui aluno em projetos sociais.

#### 4. CONCLUSÕES

Com o objetivo de compartilhar reflexões acerca da minha participação como colaborador no Projeto *Dança no Bairro*, trago para este texto dados que expõem a relação da minha história de vida - através de memórias de quando iniciei a minha trajetória na dança, em um projeto social - com a minha atuação docente no Loteamento Dunas, bairro periférico da cidade de Pelotas – uma das ações que exerço como bolsista de extensão da UFPel.

Refletir sobre esta relação me leva a crer na importância que os projetos sociais podem exercer na vida de crianças e jovens, tendo a minha própria trajetória como exemplo, pois, muitas vezes, proporcionam experiências artísticas que promovem um olhar diferenciado para a vida, o



que pode tornar esses espaços em espaços de refúgio e de desvio da criminalidade urbana, além de ser um propulsor para a mudança da realidade local.

A presença do professor/responsável na vida desse público é fundamental, pois se transforma em exemplo a ser seguido, algo que instiga os jovens a procurarem a dança como possibilidade profissional, sendo também uma fonte de esperanças.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

RECKZIEGEL, A.C; STIGGER, M.C. Dança de rua: opção pela dignidade e compromisso social. **Em Foco**, Porto Alegre, v. 11, n 2, p. 59 - 73, 2005.